

DISTINTAS IMAGENS DO LOBO EM *ESTE É O LOBO*, DE ALEXANDRE RAMPAZO

THE WOLF'S DISTINCT IMAGENS IN ESTE É O LOBO, BY ALEXANDRE RAMPAZO

Larissa Warzocha Cruvinel  0000-0003-0041-728X
Departamento Estudos Literários Faculdade de Letras - Universidade Federal de Goiás
larissacruvinel@hotmail.com

Genilda da Silva Alexandria Sousa  0000-0003-4690-0269
Programa de Pós-graduação Performances Culturais - Universidade Federal de Goiás
Pontificia Universidade Católica de Goiás
genilda.alexandria@gmail.com

Andréia Ferreira de Melo Cunha  0000-0002-5758-1112
Doutora em Letras e Linguística - Universidade Federal de Goiás.
andreiamols@gmail.com

 <http://dx.doi.org/10.35572/rle.v2i1.2066>

Recebido em 31 de janeiro de 2021

Aceito em 16 de maio de 2021

Resumo: Alexandre Rampazo, em *Este é o lobo*, dialoga com personagens de contos como “Chapeuzinho vermelho” e “Os três porquinhos”, entre outros contos tradicionais, de forma inusitada. Nessa história, quem assume o protagonismo é o lobo, de modo que é por meio de sua perspectiva que o desenrolar dos fatos é narrado. O projeto gráfico da obra, publicada inicialmente pela editora DCL, em 2016, é fundamental para que o leitor seja instigado a refletir sobre as novas roupagens que a narrativa confere aos contos de outrora. Nesse sentido, este artigo analisa a confluência entre a linguagem verbal e a não verbal na obra, com vistas a mostrar como essa interação resulta em um projeto arrojado e desafiador, o que contribui para leituras diversificadas e complexas do livro em sua totalidade. Como fundamentação, foram convocados os estudos de Linden (2018), Nilolajeva e Scott (2011), Canton (1994), entre outros.

Palavras-chave: ilustração. contos tradicionais. literatura infantil contemporânea.

Abstract: Alexandre Rampazo, in *Este é o lobo*, dialogues with characters from fairy tales, like “Little red ridding hood” and “The three little pigs”, among others traditional tales, in an unusual way. In this narrative, the Wolf takes over the protagonism, so it is through his perspective that the unfolding of the facts is narrated. The graphic design of the book, initially published by DCL Publisher, in 2016, is essencial for the reader to be instigated to meditate on the new garmens that the narrative gives to the ancient stories. In this sense, this article analyzes the confluence between verbal and non-verbal language in the book, objectifying to show how this interaction results in a bold and challenging project, which contributes to diversified and complex readings of the book in its entirety. As a basis, studies by Linden (2018), Nilolajeva and Scott (2011), Canton (1994), among others, were invited.

Key-words: illustration. traditional tales. contemporary children’s literature.



Introdução

Alexandre Rampazo retoma uma personagem familiar dos contos de fadas em *Este é o lobo*, obra publicada pela editora DCL, em 2016. Como o título indica, o lobo, animal conhecido por seus aspectos maléficos em histórias como “Chapeuzinho vermelho” e “Os três porquinhos”, é o protagonista da narrativa, e os eventos se desenvolverão a partir de sua perspectiva. O projeto gráfico, construído também pelo autor, apresenta uma proposta criativa e instigante, o que, sem dúvida, contribuiu para que o livro fosse selecionado como finalista do Prêmio Jabuti e para participar da 26ª Bienal de Ilustração de Bratislava de 2017, além de receber o selo “Altamente recomendável”, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ).

A ilustração, no universo do livro, resulta em um exercício que extrapola o desenho, se posiciona como imagem narrativa, conciliando as linguagens verbais e visuais em sinergia. A plenitude dessa relação se dá quando a dinâmica do leitor também é congruente. Para Rui de Oliveira, “a ilustração deve ser sempre uma paráfrase visual do texto, sempre uma pergunta, nunca uma resposta” (OLIVEIRA, 2008, p.49), de modo que o ilustrador não deve se prender somente às palavras, mas a uma abertura de sentidos permitida por elas. Assim, livros ilustrados avançam do patamar de páginas que possuem textos e imagens, e articulam signos icônicos complexos, como é possível observar em *Este é o lobo*.

Na obra de Rampazo, o texto conta a história e a imagem a reconta, o que faz com que o leitor possa acessar uma experiência sensível, afetiva e intelectual que, ao mesmo tempo, alimenta e é alimentada pelo imaginário de cada um. O diálogo entre o texto verbal e o não verbal possibilita muitas formas de leitura ao redimensionar histórias antigas e alimentá-las com novos significados. Neste artigo, propomos analisar essa relação entre as duas linguagens estabelecidas nas páginas do livro, a fim de tecer uma reflexão alinhada a esses entendimentos.

1 As múltiplas faces do lobo de Rampazo

Este é o lobo apresenta, nas primeiras páginas, a ilustração em preto, o que prenuncia algo de assustador na história que será posta diante do leitor. O título, que reaparece na folha de rosto, é traçado em letras minúsculas, sem a capitular, com uma simplicidade que sugere proximidade, reforçada pelo pronome demonstrativo “este”, ou seja, o lobo está próximo, ele reaparece, resgatado dos antigos contos de fadas. Nesse sentido, o fundo vermelho da capa em que o lobo é representado, em primeiro plano, com olhos também vermelhos, reforça uma expectativa construída nas histórias tradicionais acerca da perversidade desse animal. Por outro lado, o vermelho da capa é tão simbólico que ele desafia o senso comum ou o nosso conhecimento prévio da história da Chapeuzinho. Como o vermelho poderia pertencer ao lobo, ou como pode o lobo ostentar o vermelho que é da Chapeuzinho? A capa anuncia o que está por vir, a ousada forma de inverter o protagonismo das personagens dos contos tradicionais e deixar que o sentimento sobressaia à rotineira e, por vezes, superficial moral da história.

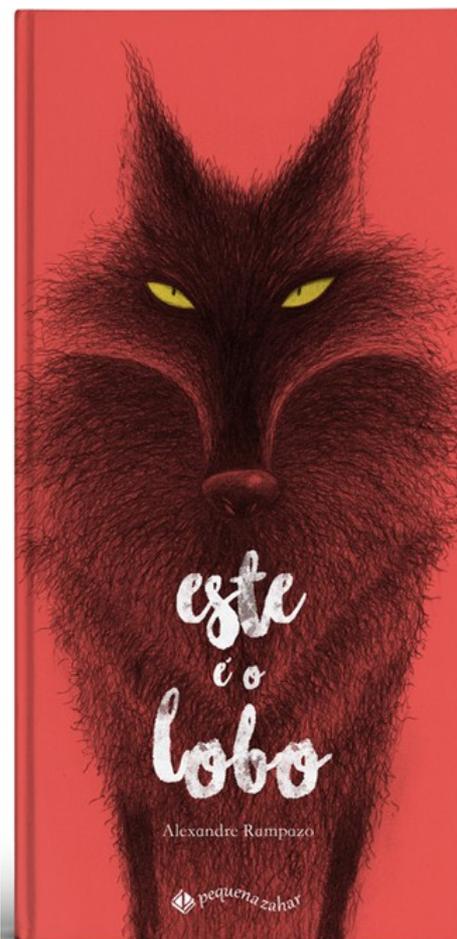


Figura 1: A capa do livro *Este é o lobo* de Alexandre Rampazo.

Fonte: Disponível em <https://alerampazo.com.br/livros-autorais/este-e-o-lobo-2/>, acesso em 30 de janeiro de 2021.

A obra “A cor como informação”, de Luciano Guimarães (2004), dedica toda uma seção ao título: “A agressividade do Vermelho”. Sua análise reforça nossos indícios de interpretação quando explica que, pela ciência da física, dos estudos da luz e fisiologia do olho humano, o comprimento de onda do vermelho está no limite da cor visível:

derivando daí parte da agressividade que é característica dessa cor. É uma agressividade de caráter hipoligual, ou seja, dos códigos primários, biofísicos, que, somada à identificação da cor com o elemento mitológico fogo, como cor da proibição, do não poder tocar (porque queima), e com a cor do sangue, da violência, faz com que o vermelho também seja construído por códigos hiperlinguais, ou seja, de códigos terciários, os códigos da cultura [...]. (GUIMARÃES, 2004, p.114)

O vermelho da capa, por estar entre o limiar entre o assustador e o furor da apropriação pelo desejo, faz com que seja quase inevitável não querer tocar e tomar pelas mãos o livro de Rampazo.

Na dedicatória da obra, dois olhos amarelados em uma página de cor preta, com as pequenas pupilas voltadas para baixo, insinuam uma presença observadora, com atenção fixa no nome “Matheus”, a quem a obra é dedicada. Essa formatação, de cor de fundo escura, desaparece na folha 4, toda branca, com apenas uma frase: “Este é o lobo”. De fato, o lobo aparece na página que segue, ocupando-a toda, com sua presença onipotente. Os pelos desalinhados, emaranhados, o focinho estendido e os olhos vítreos, conferem a seu ar certa indiferença, quase enfado. Essa é a face de um lobo que parece não estar muito disposto a sair de sua zona de conforto.



Figura 2: O lobo ilustrado.

Fonte: Fonte: Disponível em <https://alerampazo.com.br/livros-autorais/este-e-o-lobo-2/>, acesso em 30 de janeiro de 2021.

Ao visualizar uma imagem, a forma como a interpretação acontece sofre influência daquilo que veio antes e do que virá depois, no virar da página. A forma de perceber a imagem é processual e depende de atributos que a ela são inerentes, como tamanho, contrastes, intensidade e também de fatores externos a ela e que pertencem ao leitor, como sua atenção ao ler, suas expectativas e memórias que vão preexistir à leitura.

O ilustrador planeja acessar esse conjunto do olhar do leitor, e as ilustrações, quando aparecem de forma isolada ou em conjunto, assim como os elementos visuais e estruturais, vão assumir um papel importante no todo da composição. Assim, o elemento da linha na construção da ilustração do lobo é chave importante para a compreensão de seu simbolismo. A linha é confusa, traça caminhos não lineares e reflete a dúvida sobre a caracterização da personagem central da história. O contraste de tamanho com que a imagem do lobo vai sendo apresentada no decorrer das páginas também assume um foco narrativo relevante para as possíveis interpretações da obra. O

lobo é maximizado no começo e minimizado no meio da narrativa, fazendo com que suas incertezas e conflitos sejam transmitidos por meio da dimensão adotada na ilustração. Disso se depreende que o lobo assume diferentes conotações em histórias diversas, bem como se enxerga intimamente de forma igualmente variada.

Na página seguinte, a seis, a frase “Esta é a Chapeuzinho Vermelho”, a ocupar toda a folha branca, constitui nova apresentação. A menina, referência nos contos de fadas, aparece colorindo a página seguinte, em delicados traços, com as mãos pequeninas enlaçando a cesta cujo conteúdo não é possível vislumbrar, forrado como está por uma toalha quadriculada. A cor vermelha e suas variantes, aplicadas na ilustração de Chapeuzinho, constituem um elemento que atrai o olhar do receptor e é capaz de construir dramaticidade para a narrativa visual. Ela rompe com a rotina quase monocromática das páginas dedicadas ao lobo. Quando o lobo aparece, o preto é predominante e só é quebrado pelos olhos amarelos que denotam, ao mesmo tempo, uma apatia da personagem e uma esperança quase abstrata da noção de luz no fim do túnel. Desse modo, Chapeuzinho é delineada com alguns fios de seus cabelos a escapar do capuz e aparecem esvoaçantes, assim como toda a sua capa e as tiras de amarração. A imagem sugere movimento, como se toda a estagnação a que foi submetida a história de Chapeuzinho Vermelho, contada e recontada tantas vezes, agora reaparecesse refrigerada, oxigenada por novos ares.



Figura 3: Ilustração da Chapeuzinho Vermelho.

Fonte: Disponível em <https://alerampazo.com.br/livros-autorais/este-e-o-lobo-2/>, acesso em 30 de janeiro de 2021.

As duas páginas seguintes, a oito e a nove, resgatam a figura do lobo, novamente com seu ar de enfado, a ocupar toda a página, como um lugar que lhe pertence por direito. As orações: “Este é o lobo. A Chapeuzinho Vermelho não está mais aqui” levam a crer que ele fez o que se espera dele, ou seja, engoliu a menina, repetindo o ciclo que se perpetua do lobo que deglute, sempre esfomeado, eternamente pronto a fazer da heroína, ou do herói da trama, o seu alimento.

Surpreendentemente, na página dez, que contém apenas a frase: “Este é o lobo”, vem acompanhada pela figura do animal, mas o lobo, embora mantenha o ar entre ameaçador e agastado, reaparece um pouco diminuído. Os pelos continuam rebeldes, entretanto, sua apresentação, de corpo todo, leva a crer certo afastamento. Ele ocupa todo o espaço da página, mas é como se tivesse dado um passo para trás, estrategicamente posicionado para ser visto em toda a sua extensão.

A próxima personagem a visitar o leitor é a vovozinha. A oração que aparece solitária na página em branco é: “Esta é a vovó da Chapeuzinho Vermelho”. O desenho delinea uma senhora idosa, com óculos na ponta do nariz e a mão em concha ao redor do ouvido, como se fizesse esforço para ouvir. Ela se apoia em uma bengala rústica. Toda ela simula a fragilidade de uma pessoa idosa, vítima perfeita do lobo ameaçador e cruel dos contos de fadas. A página, que segue à da figura da vovó, vem preenchida pelas seguintes orações: “Este é o lobo. A vovó da Chapeuzinho Vermelho não está mais aqui”. O lobo reaparece de corpo inteiro, é o mesmo que comeu a Chapeuzinho, sua figura ocupa toda a página.



Figura 4: Ilustração da Vovozinha.

Fonte: Disponível em <https://alerampazo.com.br/livros-autorais/este-e-o-lobo-2/>, acesso em 30 de janeiro de 2021.

Para o leitor hodierno, que ouviu a história tantas e tantas vezes, não resta dúvida sobre o acontecido. É o lobo mau que comparece, embora isso não seja explícito. Como considera Maria Nikolajeva e Carole Scott, a lacuna, tanto na imagem como no texto verbal, traz uma provocação para que o receptor depreenda os sentidos possíveis dessa ausência:

O texto verbal tem suas lacunas e o mesmo acontece com o visual. Palavras e imagens podem preencher as lacunas umas das outras, total ou parcialmente. Mas podem também deixá-las para o leitor/espectador completar: tanto palavras como imagens podem ser evocativas a seu modo e independentes entre si (NIKOLAJEVA, 2011, p.15).

Na página dezesseis, ele novamente é apresentado: “Este é o lobo”. A figura da página seguinte é o animal de corpo inteiro, ainda mais afastado. Agora é possível ver suas patas. A cada vez que deglute uma personagem, ele se distancia um pouco mais e, por isso, parece menor, portanto, menos ameaçador. A mesma feição enfadada é mantida. Ele não se sente desafiado, fez apenas o que se espera dele.

A página seguinte apresenta os três porquinhos. A disposição das palavras na página constitui um atrativo à parte. Os dizeres: “Estes são um, dois, três porquinhos”, com cada numeral em uma linha, remete a uma gradação, como aconteceria em uma deglutição, a qual não poderia ocorrer sem uma sequência. Para Bruno Bettelheim, o conto “Os três porquinhos”

ensinam à criança pequenina, da forma mais deliciosa e dramática, que não devemos ser preguiçosos e levar as coisas na flauta, porque se o fizermos poderemos perecer. Um planejamento e previsão inteligentes combinados a um trabalho árduo nos fará vitoriosos até mesmo sobre nosso inimigo mais feroz – o lobo! A estória também mostra as vantagens de crescer, dado que o terceiro e mais sábio dos porquinhos é normalmente retratado como o maior e o mais velho. (BETTELHEIM, 1980, p.53)

No entanto, na obra de Rampazo, há uma subversão dos preceitos pedagógicos, visto que os porquinhos não expressam uma aprendizagem exemplar. Eles parecem inofensivos, absortos em qualquer coisa como comer ou brincar. São rechonchudos e fofinhos, agradáveis a um leitor o qual provavelmente se vê tomado de simpatia pelos amáveis bichinhos. Mas o lobo retorna. A folha vinte traz a informação que talvez desagrade o leitor: “Este é o lobo. Os três porquinhos não estão mais aqui”. O desenho que acompanha esse anúncio é o mesmo da página dezessete, a do animal que acabara de engolir a vovozinha. Suas feições são as mesmas, como a dizer: cumpri o meu destino, aquele que me foi atribuído há muitos e muitos anos.



Figura 5: Ilustração dos três porquinhos.

Fonte: Disponível em <https://alerampazo.com.br/livros-autorais/este-e-o-lobo-2/>, acesso em 30 de janeiro de 2021.

Até esse momento, as páginas pares trazem o texto verbal, e as ímpares a imagem ilustrada das personagens, o que contribui para assinalar a distância entre elas, ao mesmo tempo em que aparta também as personagens dos signos verbais, sugerindo tanto a distância temporal das histórias de antigamente, quanto a solidão das personagens retratadas. Em geral, nos livros ilustrados, as imagens estão conectadas umas às outras por diferentes possibilidades ou recursos. O livro vai se constituindo de imagens espacialmente isoladas, sua expressividade é autônoma, mas coerente, como definiria a autora Sophie Van der Linden (2011), pois essas imagens “isoladas” se associam por uma continuidade plástica e semântica.

Outro aspecto digno de nota é a escolha do formato vertical da página, nas dimensões 14 por 31 centímetros, o que contribui para evidenciar a impressão de isolamento das personagens. Para Linden,

O formato vertical (dito “à francesa”), mais alto do que largo, revela-se o mais corriqueiro. As imagens aparecem isoladas, na maioria das vezes, e as coerentes composições talvez sejam menos marcadas na sequência das imagens. Frequentemente deparamos com imagens descritivas mostrando retratos ou paisagens.

O formato horizontal (dito “à italiana”), mais largo que alto, permite uma organização plana das imagens, favorecendo a expressão do movimento e do tempo, e a realização de imagens sequenciais. (Linden, 2018, p.53)

Dessa forma, a escolha do formato vertical parece favorecer a ideia da falta de movimento das personagens já amplamente conhecidas das histórias tradicionais.

O lobo, que aparece acompanhando sua sétima apresentação, está ainda mais diminuto. Agora, embora ocupe todo o centro da página, sobram espaços em branco em seu redor, ele está mais afastado, menor. O tom ameaçador está cada vez mais vazio de sentido. Ele já não é mais a figura temida, a face modorrenta permaneça. A intenção do ilustrador parece ser fazer com que o leitor seja capturado pela armadilha de seu olhar, que percorre toda a superfície do papel, sendo conduzido pelo uso das direções espaciais, apresentando focos de interesse em pontos mais detalhistas da imagem.

Em seguida, na página vinte e quatro, apresenta-se: “Esta é a princesa”, frase acompanhada, na página seguinte, pela ilustração de uma bela princesa, trajando verde, com o rosto voltado para o canto da página. Sua face, embora não possa ser totalmente contemplada, aparenta certa expectativa, impressão que se confirma pela posterior chegada do príncipe. Acontece que antes que o amado dos contos de fadas apareça, o lobo vem cumprir o seu papel. A página vinte e seis vem preenchida pelos seguintes dizeres: “Este é o lobo. A princesa não está mais aqui”. O lobo que então se apresenta é o mesmo que acabou de comer os três porquinhos, sua dimensão não mudou, tampouco sua face denota qualquer afetação ou entusiasmo. É possível asseverar-se que não há história de lobo que tenha engolido princesa, o que revela mixórdia nas antigas histórias, que agora se mesclam, se agrupam, sem compromisso com a tradição. O lobo já engoliu a Chapeuzinho, a vovozinha e os três porquinhos. Mas a história não fica nisso, é preciso que ele engula a princesa e o príncipe, figuras onipresentes nos contos tradicionais.



Figura 6: Ilustração da princesa.

Fonte: Disponível em <https://alerampazo.com.br/livros-autorais/este-e-o-lobo-2/>, acesso em 30 de janeiro de 2021.

E, de fato, o animal retorna na página vinte e oito. A figura que acompanha essa retomada, porém, é proporcionalmente muito menor. Ele agora está mais longe. Ocupa ainda o centro da página, mas não é mais a figura ameaçadora de outrora, sobram espaços em branco ao seu redor. Nesse momento, o espaço em branco é parte da composição, é um recurso visual que oprime a figura do lobo, aliando-se ao simbolismo do julgamento do animal como um ser cruel.

O príncipe aparece, finalmente, na página trinta, com os dizeres: “Este é o príncipe”. Um rapaz com postura confiante, as pernas abertas e os braços cruzados atrás do corpo, revela-se. Curiosamente, parte de sua capa é adornada com pele de lobo, a sugerir que talvez o valente príncipe tenha resolvido o “problema”. A expectativa é imediatamente quebrada na página seguinte: “Este é o lobo. O príncipe não está mais aqui”. Esse animal está do mesmo tamanho daquele que engolira a princesa, nada há de surpreendente em sua aparência.

A página trinta e quatro, mais uma vez, introduz o lobo, mas a figura que acompanha essa apresentação é surpreendente. Um lobo pequenino comparece. Seu encolhimento é agora ainda mais substancial. É um lobinho, embora com o mesmo ar, distante e entediado. A página trinta e seis oferece a solução tradicional: “Este é o caçador”. Verdadeiramente, um caçador totalmente equipado com arco e flechas, trajando exclusivamente pele de lobo, aparece com as mãos sobre os olhos, como a procurar as pistas de sua caça iminente.

A surpresa vem em seguida: “Este é o lobo. O caçador não está mais aqui”. Esse lobinho, aparentemente inofensivo, é o mesmo que acabara de ser rerepresentado. Nada em sua postura revela a vitória sugerida pelos dizeres. O ar permanece, é um lobo cansado de sua eterna missão.

Na página quarenta, mais uma vez o lobo é apresentado, mas agora o pronome demonstrativo que acompanha a frase é “aquele”. De fato, o lobo está tão distante que nada mais há de ameaçador em sua figura. É um pequeno animal, de três centímetros de comprimento. Então, na página quarenta e dois, apresenta-se uma nova personagem: “Este é o menino”. Um garotinho de pijama listrado de azul, com uma carinha sonolenta, ocupa o meio da página branca. Comparando-o à figura do lobinho, que acompanha os dizeres: “Aquele é o lobo. O menino não está mais aqui”, o menininho talvez pareça mais ameaçador que o próprio animal, por suas dimensões insignificantes.

As duas páginas seguintes são preenchidas pela figura do lobinho pequenino, sozinho, na página branca. Para Maria Nikolajeva e Carole Scott,

Nos livros ilustrados, a representação de um personagem diversas vezes na mesma página ou na página dupla sugere uma sucessão de momentos distintos com relação temporal – e às vezes causal – entre eles: uma imagem precede outra e pode ser a causa dela.” (NIKOLAJEVA; SCOTT, 2011, p. 196).

Aqui, a ilustração parece acenar para a direção contrária. O lobo diminuto, em três páginas ímpares subsequentes, sugere a falta de ação e acentua a solidão do pretensso animal maléfico. Essa estagnação se acentua ainda mais pela passagem das páginas, as quais, comumente, insinuam uma progressão, e, nessa obra, realçam a falta de movimento. Somente depois dessas páginas é que volta a figura da criança, olhando de lado, com a mãozinha estendida junto ao canto da boca, convidando o lobo para brincar. Os três traços que acompanham o desenho do lobo acentuam a sua surpresa. Desta vez, o enredo tem formato diferente.

Nesse sentido, a disposição do texto verbal e das imagens acenam para o diálogo que o escritor deseja estabelecer com as histórias de outrora, como mostra João Anzanello Carrascoza, na quarta capa do livro:

Eis uma história distinta de todas as atravessadas por lobos. Aqui não há medo, mas solidão. Alexandre Rampazo, sacode, com lindas imagens e palavras, a rede onde estão, presos a velhos sentidos, personagens singulares do nosso imaginário, como Chapeuzinho Vermelho, sua avó e o caçador, o príncipe, a princesa e os três porquinhos. Ao lado do lobo ou dele apartados, elas ganham um inédito significado – graças, sobretudo, à sensibilidade de um menino. Um menino que não é senão o próprio Rampazo e todos nós, leitores, que, por meio de narrativas, re-descobrimos (mesmo em condições suspeitas) as maravilhas da amizade.” (CARRASCOZA, 2016, s/p).

Na página cinquenta e dois, em que aparecem as falas: “Sim. Siiim. Siiiiiiiiim!!!”, acompanhada de três pontos de exclamação, demonstram toda a alegria do lobo ao ser recuperado de sua eterna função de animal ameaçador, a engolir o que vê pela frente. A ilustração traz três desenhos de lobo, em três tamanhos diferentes. Nas imagens, é um lobo, alegre e saltitante, que comparece, dando ênfase à ideia de dinamicidade.

Na página de encerramento, todas as personagens voltam a aparecer, desta vez afundadas na pelagem do lobo, ele já maior, mas com os olhos fechados de satisfação por estar cercado de amor. Esse lobo está feliz e completo, sua expressão de enfado desapareceu. Está pleno. Para Katia Canton, em *E o príncipe dançou*,

Reinterpretações inovadoras só podem questionar o fato de que os contos de fadas têm um passado e, espera-se, um futuro distinto. Podem chamar a atenção para o fato de seu discurso institucionalizado, com princesas dóceis esperando que príncipes encantados as salvem, não ser o único tipo representativo de narrativas de histórias em toda a tradição humana. (CANTON, 1994, p.216)

Nessa chave interpretativa, a sucessão das imagens abre a várias interpretações. A primeira possível é a de que a familiaridade que a criança desenvolve com o lobo, a partir das constantes referências ao animal nos contos de fadas, torna-o cada vez menos ameaçador para o pequeno leitor. O que provocava ansiedade, receio, já não pode mais fazer mal. O lobo mau é familiar, sua figura, personificação de medos que nem mesmo a criança consegue identificar, ao ser revisitada tantas vezes, esvazia-se de seu potencial de perigo e passa a ser identificável e, até, controlável.

Outra possibilidade, sugerida pela presença da pele do animal tanto na vestimenta do príncipe quanto na do caçador, é a de que o lobo, pertencente ao domínio da natureza, já não pode mais ser ameaçador em um mundo em que ele é a caça. De fato, no mundo contemporâneo, em que a natureza dominada não apresenta mais os mistérios de antigamente, não é o lobo que desencadeia medos. Ainda que ele possa ser a representação de algo mais profundo que habita o inconsciente da criança, a mera existência física de um animal, ameaçado de extinção pela ação nefasta do homem, não tem mais o poder de representação que já teve. Outros elementos, criações humanas, como robôs que se revoltam contra os homens ou uma inteligência artificial, que se apropria do comando de determinadas atividades, constituem hodiernamente a

personificação do mal que nos persegue e que alimenta os temores das crianças. O lobo mau é o cachorrinho de estimação.

Há ainda a possibilidade de se compreender a obra a partir do cansaço do lobo. Sua expressão de desinteresse permanente revela muito dessa sua falta de vontade de desempenhar um papel o qual ele não tem mais interesse em ocupar. Sua postura revela rebeldia com relação ao seu eterno lugar de vilão, quando, na verdade, seu desejo é apenas de brincar e ser aceito.

Considerações finais

Este é o lobo, diferente de tantas outras obras, faz do lobo o protagonista, configura a personagem de maneira não imediata, mas por meio do encontro com os protagonistas comuns de outras histórias de maldade sem redenção. A linguagem verbal do livro é destituída de sugestões de qualidades humanas maniqueístas, como bravura ou inocência. A ilustração, por sua caracterização, será soberana para dar diferentes matizes à caracterização das personagens, o que gera impacto à mensagem e põe a emoção em relevo.

Vale ressaltar ainda a tensão que se estabelece no delineamento imagético do lobo, ao compatibilizar traços humanos em personagens animais, com um delicado equilíbrio entre ambos. Essa fusão de traços parece acenar para a ideia de que a história lida com sentimentos humanos em seu sentido amplo. A sina do lobo se libera, nesta obra, da rejeição e revolta, ela gera empatia, o que não é pouco nos tempos atuais, em que há a necessidade premente de se construir menos muros e mais pontes.

Referências

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CANTON, Katia. *E o príncipe dançou...* O conto de fadas, da tradição oral à dança contemporânea. São Paulo: Ática, 1994.

CARRASCOZA, João Anzanello. Texto de quarta capa. In: RAMPAZO, Alexandre. *Este é o lobo*. São Paulo: DCL, 2016.

GUIMARÃES, L. *A cor como informação: a construção biofísica, lingüística e cultural da simbologia das cores*. São Paulo: Editora Annablume, 2004.

LINDEN, Sophie Van der. *Para ler o livro ilustrado*. São Paulo: SESI-SP, 2018.

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. *Livro ilustrado: palavras e imagens*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

OLIVEIRA, Rui de. *Pelos jardins Boboli*. Reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

RAMPAZO, Alexandre. *Este é o lobo*. São Paulo: DCL, 2016.